

Campanhas Depredatórias

Raul Pilla

OS discursos políticos nenhuma influência têm no vigente sistema de governo. A seu respeito pode-se repetir o juízo shakespeareano: «Palavras, palavras, palavras». Palavras mais ou menos bem ditas, mas palavras sem consequência. Dizem os ignaros, e os há que se crêem sábios, dizem eles ser o parlamentar o regime da parolagem. Nada mais falso. Nêle tôdas as palavras contam e têm pêso: por isto, medem-se e poupam-se. Ninguém fala por falar, mas por ser necessário dizer o que diz. A oratória parlamentar, mais que tôdas a britânica, caracteriza-se pela sobriedade. Parolagem, há-a, e muitas vêzes do pior estilo, no presidencialismo latino-americano.

Isto não obstante, discursos se proferem, que merecem atenção pela autoridade ou pela posição dos que falam. Tais os discursos do presidente da República: alguma coisa significam sempre, ainda quando se hajam de entender pelo avêso.

Ouçamos, pois, a última fala do presidente. «Seria inútil, além de impossível — diz êle — esconder que, periódicamente, a nossa democracia é ameaçada, nos seus fundamentos, de maneira particularmente violenta. Essa ameaça intensifica-se com a aproximação dos pleitos eleitorais. Seis meses antes de se ferirem êsses pleitos em obediência aos preceitos legais, desencadeia-se uma campanha extremamente atentatória à estabilidade do regime em que vivemos e do qual não nos devemos afastar».

Êste é um depoimento a respeito de um fato universalmente sabido e fartamente comprovado, mas que vale, sobretudo, pela posição de quem o profere. Por que pesa esta ameaça fatal sobre o regime? Na opinião do sr. Juscelino Kubitschek, na oposição, por se lançar a «campanhas depredatórias», parece recair exclusivamente a culpa.

Concedamo-lo, embora seja inexato, pois, se é verdade que a oposição aspira violentamente ao poder, não menos violentamente deseja a situação conservá-lo. Concedamo-lo, contudo: a culpa é da oposição.

Mas, por que assim se comporta a oposição? Esta é a questão que logicamente se apresenta. Será a má qualidade da oposição que temos, ou haverá causas gerais que determinam tal comportamento? Ora, o sr. presidente da República limitou ôbviamente a sua observação ao Brasil, pois, não seria correto que lançasse indiscretamente o seu olhar além das fronteiras, mas não pode ignorar que em todos os demais países da América Latina igual, senão pior, é a situação.

O mal, pois, não está na oposição, nem no governo, embora evidente seja que êste é quem determina o comportamento daquela. O mal é mais geral e reside no próprio sistema presidencial, que tôda a vida política reduz à conquista do poder. Cada campanha eleitoral é uma guerra de conquista, que justifica todos os meios para alcançar o objetivo. Campanhas depredatórias, denominou-as o sr. Juscelino Kubitschek. A qualificação seria justa, se a oposição exclusivamente não a quisesse aplicar, pois a ação depredatória da situação dominante é ainda mais grave, por exercer-se não só contra os adversários, mas em prejuízo da própria Nação. O mal está, portanto, no regime.

O orador não quis dizer isto, mas as palavras foram além da intenção. É mais um testemunho, e testemunho insuspeito, dos vícios essenciais do presidencialismo, que, embora atenuados, até nos Estados Unidos se observam.